
07. DAS ÁGUAS DE OXUM AO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO NA GEOGRAFIA DO SIMBÓLICO

Heberty Ruan da Conceição Silva¹
Marcos Vinicius dos Santos Souza²

Introdução

Estudos geográficos relacionados à religião ainda é um desafio, sobretudo quando se refere às religiões afro-brasileiras como o candomblé, umbanda, Xambá, Xangô, Cabula, Encantaria, dentre outras. Neste caso, as religiões de matriz europeia tem uma suave vantagem no numero total de trabalhos desta perspectiva.

Considerando a necessidade relacionada à problemática apresentada, o presente trabalho está ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Cultural de base fenomenológica, e tem como objetivo o desenvolvimento de uma reflexão a cerca do espaço de representação no que se refere aos rituais em devoção a Oxum (orixá das águas doces), cultuado na religião de matriz africana denominada Candomblé.

O Ritual religioso analisado foi o tradicional cortejo em devoção a oxum que ocorre tradicionalmente no dia 08 de dezembro de cada ano, neste caso, foi estudado o ritual do ano de 2015, que se iniciou na zona norte e foi finalizado na zona central de Aracaju.

No tocante, alguns espaços foram analisados, como a colina do Santo Antônio que é caracterizada pelo local de ponto de partida do cortejo, e de concentração dos praticantes do candomblé. As vias urbanas utilizadas para a passagem do cortejo em adoração e devoção a Oxum. A ponte do imperador que foi um dos pontos de mais importante do cortejo e por fim a praça da catedral metropolitana de Aracaju, que se caracterizou como ponto de conflito entre religiões.

¹ Graduando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe, no campus de São Cristóvão. Bolsista do programa institucional de bolsas de iniciação científica- PIBIC, e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade Cultura – PPGeo/ UFS. E-mail para contato: heberty-ruan.geo@hotmail.com.

² Graduando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe, no campus de São Cristóvão. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Representação – DGE/UFS. E-mail para contato:marcosgeoufs@hotmail.com

Para o desenvolvimento deste artigo, foram priorizadas algumas metodologias, que inicialmente se deu a partir do levantamento de referencial teórico a cerca dos conceitos, categorias, objeto, método e metodologias utilizadas, e logo depois foi realizada uma pesquisa de campo, construída de observação semiestruturada, coleta de relatos informais, levantamento e registro fotográfico e entrevistas semiestruturadas.

Com base no exposto, o referido trabalho está estruturado da seguinte forma: referencial teórico, constituído principalmente de uma breve reflexão a cerca da abordagem cultural na geografia e os apóstes dessa abordagem para o entendimento do espaço de representação simbólica. E os resultados, que está composto pela análise das espacialidades provocadas pela religião do candomblé durante o cortejo.

Breve reflexão acerca da abordagem cultural na geografia

A Geografia é uma ciência bastante complexa, quando analisamos a grandiosidade do seu corpo teórico, conceitual-metodológico e as relações estabelecidas entre esses. Desta maneira, dentro dessa complexidade temos a abordagem cultural que adentrou na geografia no século XIX, no mesmo século em que a geografia foi institucionalizada enquanto ciência. Desta maneira, essa abordagem não é nova, e surge com a contribuição de geógrafos importantes como o alemão Friedrich Ratzel.

Quem utilizou o termo “Geografia Cultural” como um fator importante na geografia humana, pela primeira vez foi Ratzel, em 1880, falando de uma “culturgeographie” dos Estados Unidos. Nos anos seguintes, influenciado por Ritter, Humboldt e Darwin, ele elabora uma nova concepção da geografia a qual ele denomina de “antropogeographie”, publicada em 1891. Nele ele insiste sobre a forte relação existente entre o homem e o seu meio e também se interroga sobre o papel da mobilidade dos homens na difusão das técnicas. (ALMEIDA, 2008, p.38)

Com as Análises desenvolvidas por Friedrich Ratzel, podemos perceber a preocupação, valorização e a introdução de estudos culturais na Geografia, porém este geógrafo da escola alemã não foi o único no século XIX. As escolas Francesa e Estadunidense com a contribuição de teóricos como Vidal de La Blache e Carl Ortwin Sauer, também desenvolveram estudos relacionados à referida temática.

Entretanto a abordagem cultural dessa época privilegiava os aspectos materiais da cultura, dentro de uma concepção neopositivista. Este modelo entra em crise com a uniformização das técnicas no mundo, sobretudo no século XX, suscitando a necessidade de uma renovação teórico e metodológica.

Considerando o exposto, percebemos que ao longo do seu desenvolvimento teórico e conceitual-metodológico, a geografia cultural passou por algumas transformações, justificadas pelo novo corpo teórico a ela somado. Atualmente está aliada ao método filosófico fenomenológico.

A abordagem cultural contemporânea surgiu com o movimento de renovação da geografia da segunda metade do século XX, no qual muitos geógrafos passaram a se preocupar e considerar não só a parte natural do espaço geográfico, mas também, as relações humanas que nele eram desenvolvidas. Neste sentido, surgem duas principais correntes de pensamento, a geografia crítica radical que está ancorada no materialismo histórico e dialético e a geografia humanista/cultural, de base fenomenológica, onde segundo Claval:

A nova corrente aparece como um dos componentes indispensáveis de toda *démarche* geográfica. Instituído sobre os sentidos dos lugares, sobre a importância do vivido, sobre o peso das representações religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. (CLAVAL, 1999 p.61)

Desta forma, podemos perceber que a fenomenologia contribui com um caráter mais humano as análises geográficas. Ao discutir as contribuições do método fenomenológico para a Geografia, Holzer (2008), afirma que ele seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e com isso, através da intencionalidade, reconhecer as essências de estrutura perceptiva. Sendo assim, podemos perceber que com a fenomenologia, a Geografia Cultural passou a considerar os aspectos subjetivos e imutáveis, porém sem desconsiderar os aspectos materiais, pois é na materialidade que a subjetividade é desvendada.

De acordo com Almeida, (2011 p.24), “a materialidade tangível do espaço está banhada de elementos imateriais e intangíveis que se revelam nas paixões, nos conflitos, nos risos, nas dores, nos encantamentos, nas cores, nas sonoridades e nos odores.” O que nos leva a refletir que as materialidades do espaço são carregadas de sentidos e significados para a sociedade em que esse foi construído.

Desta forma, podemos considerar que “o espaço como qualquer outra realidade social, não é apenas uma entidade objetiva tendo em vista que sua objetividade pode ser lida de forma intersubjetiva”. Santos (2011 p. 73). Ou seja, considerando, sobretudo a dimensão imaterial que perpassa justamente por esses sentidos, emoções, significações atribuídas tanto de forma subjetiva, individual, quanto de forma intersubjetiva ou coletiva.

Tais afirmações nos levam a refletir sobre o objetivo contemporâneo da abordagem culturalista na geografia. Segundo claval:

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (CLAVAL, 2002. P.20).

Sendo assim, percebemos que a abordagem cultural também é complexa, pois para que se possam perceber as significações e representações que os homens enquanto atores de determinado fenômeno impõem a esse, se faz necessário interpretar o subjetivo dos indivíduos e intersubjetivo compartilhados pelos mesmos, em relação ao que se investiga, para compreender os símbolos e signos representados e por eles atribuídos.

Ainda segundo Almeida (2008, p.34): A geografia Cultural “contempla um leque de variadas questões” como apresentados no quadro um.

QUADRO 1 – QUADRO DOS OBJETOS DE ESTUDO DA GEOGRAFIA CULTURAL

Representação da Natureza	Identities
Construção Social	Cultura Material
Cotidiano	Significados simbólicos

Organização: Silva, H.R.C.

Fonte: Almeida, 2008 p. 34.

A partir do exposto, podemos compreender que os objetos de estudo da geografia cultural não são isolados, e estão diretamente relacionado um com o outro. A representação da natureza, por exemplo, é construída, sobretudo a partir das identidades e significados simbólicos, que os sujeitos atribuem e apreendem em seu cotidiano, a partir da construção social em que ele está inserido. Porém essa integração não impede que esses objetos sejam analisados de forma individual.

Tais objetos apresentados podem ser analisados a partir de várias categorias utilizadas na geografia, como o espaço geográfico, paisagem, região, território e lugar. Neste sentido, esse ensaio foi desenvolvido considerando principalmente a categoria espaço geográfico, que na abordagem cultural entende-se como espaço de representação simbólica.

O aporte da Geografia Cultural na compreensão do Espaço de Representação simbólica

Estudar as culturalidades desenvolvidas no espaço geográfico é, acima de tudo, refletir sobre os sentidos e significados das marcas e matrizes, do mutável e imutável que se faz presente neste próprio espaço, sobretudo considerando os símbolos, ritos, sentimentos e representações dos sujeitos da cultura estudada.

A abordagem contempla o estudo das representações, o que envolve questões referentes “a afetividade e o simbolismo na interpretação de nossas práticas cotidianas. Isso ocorre a partir do uso das representações mentais e do imaginário”. SANTOS (2011, p. 79). Tais representações surgem a partir do intersubjetivo dos indivíduos de determinada cultura, que de forma simbólica se materializa no espaço.

Sendo assim, compreendemos a importância dos símbolos e signos para desenvolver uma geografia das representações, que segundo GIL FILHO (2005 p.57) “é uma Geografia do conhecimento simbólico. Assume as representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política”.

Sendo assim, o espaço das representações vai além o mundo visível, pois as representações sociais são acima de tudo um elemento construído coletivamente, que esbarra nos saberes, crenças, fazeres e práticas cotidianas, desta forma, o espaço de representação “revela-se como um elemento central no processo de afirmação e legitimação da organização social que se constitui” Stefenon, (2012, p. 163), desta maneira destacamos que a religião enquanto construção coletiva acaba atribuindo simbolismo e construindo espaços geográficos de representação.

O espaço de representação é um espaço vivo, lócus da ação e das situações vivenciadas. É relacional em percepção, diferencialmente qualitativo e dinâmico e de natureza simbólica. Deste modo, revela-se como categoria relevante na construção de uma geografia do mundo cultural além da leitura economicista reinante da análise espacial. (GIL FILHO, 2003, p. 13).

Considerando tal informação percebermos que o espaço de representação se demonstra como uma categoria muito importante a ser analisado na geografia cultural de base fenomenológica, pois o mesmo é dotado de vivências que são estabelecidas no espaço e recheado de símbolos que carecem de significados, essas representações sociais muitas vezes não estão tão visíveis ao primeiro olhar, carecendo assim de uma investigação mais a fundo na essência desses fenômenos.

Sendo as representações sociais um ponto de partida para uma análise simbólica cultural, a religião se demonstra como um influente objeto de estudo pelo seu poder na construção da sociedade ou cultura em que ela está inserida. Além disso, tem um papel fundamental na constituição e compreensão tanto individual quanto coletiva no mundo e do espaço geográfico.

Um mesmo espaço pode ter vários significados e representações, a depender do uso que cada religião enquanto produto de uma construção coletiva desenvolve no próprio espaço. Desta maneira, segundo Rosendahl a abordagem cultural no campo religioso:

Deve ser compreendida como o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem em sua criação e sucessivas transformações espaciais. Supõe-se a existência de um impulso religioso no homem que o leva a agir sobre seu ambiente, qualificando-o com formas espaciais que estão diretamente relacionadas com as suas necessidades. São marcas simbólicas que respondem aos desejos do devoto em suas práticas espaciais (ROSENDAHL, 2012 p. 25).

Sendo assim, podemos ratificar que a religião também modela o espaço geográfico, que através da imposição de suas crenças, ideologias e fé, acabam exprimindo ritos, símbolos e signos ao próprio espaço, que neste caso é um espaço recheado de representações e significados para aqueles que estão cultuando. Uma procissão, peregrinação e cortejo religioso é um forte exemplo relacionado à experiência da espacialidade do sujeito nesse contexto do simbólico religioso.

A peregrinação aos lugares sagrados vem sendo abordada com relativa frequência entre os geógrafos, constituindo-se em mais um via para os estudos geográficos das religiões. Trata-se de uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar para o outro, deslocamento esse que, as vezes é marcado pela periodicidade regular. Envolve assim, espaços e tempos, fixos - os lugares sagrados e fluxo - a peregrinação (ROSENDAHL, 1995 p. 50).

Neste caso a peregrinação religiosa aqui analisada, refere-se ao cortejo em devoção a Oxum, onde será analisado as suas espacialidades, simbolismos e representações, durante todo o deslocamento desse consagrado ritual religioso.

Espacialidades e representações do Cortejo em devoção a Oxum

O dia oito de dezembro é uma data muito importante para os que fazem parte do candomblé, pois essa data é marcada pela reverência ao orixá mãe das águas doces, neste caso Oxum. As comemorações ocorrem das mais variadas formas em Aracaju e pelo Brasil.

Em Aracaju, a comemoração que mais chama a atenção pela sua grandiosidade e efeitos que causam no espaço, é o cortejo que sai da colina do santo Antônio até a catedral metropolitana de Aracaju passando por ruas e avenidas que comumente possuem trânsito intenso.

A pesquisa de campo foi realizada em quatro principais espaços (figura 1), que estão conectados simbolicamente pelo sentido e significado religioso do candomblé, o primeiro espaço a ser analisado foi à colina do Santo Antônio caracterizado pelo ponto de encontro dos

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

O ritual é iniciado com a abertura de uma roda na praça da colina, onde todos os pais e mães de santo foram convidadas a participar e estar ao lado da mãe de Santo organizadora da festa. Várias apresentações em adoração a Oxum foram desenvolvidas neste momento que simbolizava o início do cortejo. Na figura 2, podemos observar este momento.



Figura 2 – Ritual de início
Fonte: Silva, H. R. C, 2015

A igreja de Santo Antônio está localizada e se destaca na paisagem do espaço de encontro e concentração do cortejo, porém não foi percebido nenhum tipo de influência desta igreja para com a realização do ritual. Na figura 3, percebemos o cortejo se iniciando e o contraste entre as duas religiões.



Figura 3 – Cortejo se iniciando e o contraste ente duas religiões.

Fonte: Silva, H. R. C, 2015

Espaço dois: Vias especializadas pelo cortejo

Partindo da colina do Santo Antônio, o cortejo saiu pelas ruas João Ribeiro, seguidas pelas ruas Simeão Sobral, Rio Branco, Ivo do Prado até chegar à Praça Fausto Cardoso, onde se localiza a catedral metropolitana.

Durante o roteiro foi perceptível algumas representações simbólicas que se revelaram a partir dos cantos, no qual se referiam a todo o tempo ao candomblé e a homenageada do dia a deusa Oxum. Muitos desses cantos possuíam idiomas diferentes do português, e segundo relatos informais, esses cantos possuem idiomas de origem africana, o que revela as raízes e bases culturais do próprio candomblé.

Outra singularidade identificada durante o ritual foram os movimentos corporais desenvolvidos pelos devotos durante todo o cortejo. Os mesmos seguiram dançando e a coreografia tinha uma peculiaridade muito típica e todos os participantes dançavam praticamente do mesmo modo.

Na parte da frente e puxando todo cortejo, encontravam-se as representações de alguns orixás e deuses africanos, com um destaque maior para a representação de Oxum, que se encontrava vestida de tons amarelos e com o rosto coberto por algumas indumentárias, como mostra a figura 4. De acordo com relatos informais o amarelo representava riqueza, ouro, vaidade e amor próprio.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:



Figura 4 – Representação de Oxum

Fonte: Silva, H.R.C, 2015.

A peregrinação acaba atraindo para as ruas, vários curiosos e simpatizantes externos a candomblé que ficaram apreciando das portas de casa, canteiros e margens das ruas, a espacialização do cortejo.

Outro fato curioso é que em algumas casas, as janelas são preparadas com alguns símbolos para a passagem da manifestação, entre eles fotos, perfumes e imagens de santo, como podem ser identificados na figura 5. Desta forma, percebemos que existe uma preparação dos espaços por onde o cortejo passa, tanto pela mobilização de atores externos quanto pela decoração das janelas das casas.



Figura 5 – Decoração Simbólica das janelas

Fonte: Silva, H. R. C, 2015.

Espaço três: A ponte do imperador

Considerando que Oxum é a rainha das águas doces, a ponte do imperador tem uma função simbólica, representativa e significativa muito forte, pois esse espaço se demonstrou como um local de encontro e aproximação entre os devotos e Oxum. Este momento foi caracterizado por forte emoção, materializada a partir dos choros, sorrisos e abraços.

Durante a pausa na ponte do imperador, foi possível observar, que alguns devotos carregavam consigo flores, que foram jogadas no leito do rio Sergipe logo após o momento de oração silenciosa e intrassubjetiva. A entrevistada B explicou:

Ali é a homenagem a ela [...] oferenda dela aí nos dar a ela aí, a santa a nossa mãe do mar, é Oxum, é mãe rainha. [...] é uma forma de respeito e agradecimento a mamãe Oxum (Entrevistada B)

O ato de jogar flores no rio representou de forma simbólica uma aproximação espiritual maior com Oxum que se fazia presente através do Rio Sergipe, além de se mostrar como uma forma de homenagear, agradecer e respeitar a mãe das águas. Na figura 6, podemos observar os devotos e suas oferendas na ponte do imperador.



Figura 6 – Devotos com oferendas para Oxum

Fonte: Silva, H. R. C, 2015.

Espaço quatro: A Praça da Catedral

A praça da catedral metropolitana de Aracaju foi para onde o cortejo seguiu logo após a pausa na ponte do imperador. Pois lá seria realizado um ritual tradicional a esse festejo que é justamente a lavagem das escadas da catedral metropolitana. A entrevistada C, afirmou o porquê da lavagem das escadarias da igreja:

É uma devoção da gente, a gente gosta ai todo ano nós tem que lavar a escada da igreja, porque é de nossa emoção que a gente tem e é uma alegria que nos temos. Hoje quando nós chegar lá se o padre deixar a gente entra e vem lavando, caso ele num deixe, nós lava fora mesmo (Entrevistada D).

Antes que o cortejo do candomblé chegasse à Catedral, os fieis católicos foram convidados a sair da mesma, pois ela iria ser fechada. Quando um dos organizadores foi questionado sobre o fato, o mesmo falou que vinha um povo do candomblé e que eles não poderiam entrar na igreja. Na figura 7, podemos observar o momento em que o portão foi trancado pela organização da catedral.

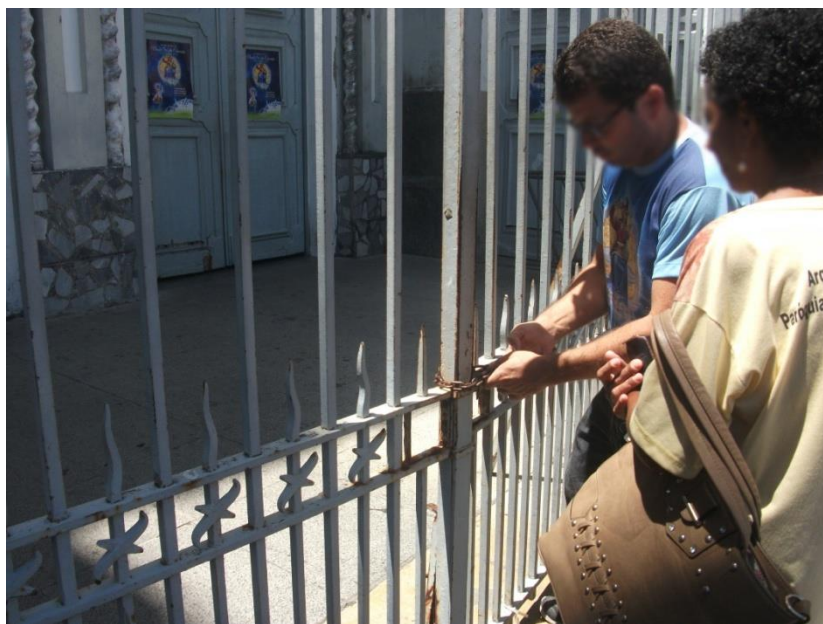


Figura 7 – Portão sendo fechado pela organização.

Fonte: Silva, H. R. C, 2015.

Desta forma, ficou muito clara a ação simbólica da igreja concretizada a partir das portas, janelas e portões fechados uma representação que significava a intolerância e desprezo da igreja católica frente ao candomblé.

Com a chegada do cortejo do candomblé, os mesmos encontraram as portas da igreja novamente fechada, a frustração a rejeição e o sentimento de revolta tomou conta de alguns atores da religião afro-brasileira, como demonstra o entrevistado F:

Eu acho uma negação eu acho feio eu sou de São Paulo e moro aqui, e em São Paulo ta as portas escancaradas, em outras cidades as portas escancaradas e porque aqui ta a porta fechada? Eu perguntei ao padre, o padre disse que vai ta lutando para próximo ano estar com as portas abertas para acolher o povo do candomblé (Entrevistado F).

Neste momento os mesmos cantos que estavam sendo tocadas durante toda a peregrinaçãocomeçaram a ser reproduzidos num ritmo mais lento, o que representava o sentimento de tristeza pela situação um pouco tanto conflituosa que naquele espaço estava acontecendo. Durante este momento o entrevistado D afirmou:

Eu acho que nos do candomblé, não temos nada haver com a igreja católica e se eu fosse o organizador da nossa festa do próximo ano, eu não vinha mais pra igreja, iria terminar na ponte do imperador. Nossa Senhora da Conceição não tem nada haver com mãe Oxum (Entrevistado D).

Alguns devotos de ambas as religiões, principalmente do candomblé, relacionam Oxum a Nossa Senhora da Conceição, Divindades distintas, com sentidos distintos para ambas as religiões, porém a data de reverência e comemoração a esses, ocorrem no mesmo dia, 08 de dezembro.

O Cortejo é finalizado com a aglomeração dos devotos do candomblé frente à igreja católica, onde alguns dos pais de santo batizaram a frente da igreja com água perfumada de lavanda e alfazema. Neste ano não aconteceu o ritual da lavagem das escadas, momento muito aguardado pelo público presente.

Considerações Finais

A festa em devoção e reverência a Oxum para os adeptos do candomblé, se demonstrou como uma importante manifestação cultural/religiosa para o desenvolvimento da abordagem cultural do espaço de representação. Sendo que as espacialidades dessa manifestação se revelaram através de símbolos, signos que estavam intrínsecos ao intersubjetivo dos devotos através dos saberes e fazeres em comum.

Desta maneira espera-se que esse trabalho possa contribuir para a ampliação dos estudos de abordagem cultural, que envolva os estudos geográficos, principalmente

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

relacionados ao campo religioso, que ainda ocorrem de forma tímida na geografia. Além disso, que desperte o interesse dos geógrafos a desenvolverem estudos nessa perspectiva.

Referências:

ALMEIDA, M.G; VARGAS, M. A. M; MENDES, G.F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. Fortaleza/CE, **Revista Mercator**, v.10, n.22, p.23-35, mai./ago. 2011.

ALMEIDA, M. G. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **Geonordeste**, v. 19 n. 1, 2008. p 33 – 54.

CLAVAL, P. A volta do cultural na Geografia. **Revista Mercator**, UFC, p 19-28, 2002.

GIL FILHO, S. F. Espaço de Representação: Uma Categoria Chave para a análise cultural em Geografia. In: **Anais do I Encontro Sul-Brasileiro de Geografia**. Curitiba: AGB, 2003.

_____. **Geografia Cultural: estrutura e primado das representações**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, no. 19-20, p. 51 à 59, janeiro/dezembro de 2005.

HOLZER, Werther. Uma discussão Fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista território**, ano II, nº3, 1997.

_____. Geografia humanista: uma revisão. **Revista espaço e cultura**, UERJ. P.137-147, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião: Uma proposta. **Nepec**, Rio de Janeiro, Ano 1, 1995.

_____. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 31, p.24-39, jan./jun. de 2012.

SANTOS, C. Geografia e Fenomenologia: Algumas aproximações a partir da Geografia Humanista e da Geografia das representações. **Revista Dialogos nº5 – Revista de estudos culturais e da contemporaneidade**, Garanhuns/PE. 2011.

STEFENON, D. L. O conceito de espaço de representação: fundamentos para a compreensão da cultura na escola. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO v. 6, n. 4 Dez/2012 p.158-174.